



Busca:

Notícias

Imagens na mídia valorizam maternidade como essência do feminino

Por Maria Teresa Manfredo
26/04/2012

Mulheres felizes com seus bebês em lindos quartos decorados. Um casal sob o sol numa linda praia, celebrando o barrigão feminino à mostra. Sorrisos, objetos e depoimentos que reforçam a alegria da maternidade. As imagens do corpo e da gravidez que são amplamente difundidas nos meios de comunicação contribuem para a construção do que é considerado como o modo ideal e adequado de ser mulher. É o que analisa a pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz, Eliane Portes Vargas.

Pensando os meios de comunicação como algo que produz sentidos e também exprime a dinâmica de uma sociedade, Vargas reuniu extenso material sobre o tema, levantado em edições da revista *Caras* - uma publicação que trata da vida das chamadas celebridades. Tal revista é considerada no meio editorial como um empreendimento bem sucedido em termos comerciais e de aceitação do público. Assim, foram levantados registros fotográficos de matérias, os quais Vargas agrupou dentro dos temas gravidez e maternidade.

A pesquisadora explica que a revista em questão coloca em cena determinadas configurações simbólicas que acabam servindo de modelo para o que atualmente é considerado como o ideal da experiência reprodutiva. Em outras palavras, as fotografias veiculadas em *Caras* contribuem para construir valores sociais que destacam a experiência da gravidez e a maternidade como parte da identidade feminina. Esse reforço do que há de positivo na reprodução seria influenciado e influenciado não só relações de gênero, mas também de geração, de classe social e de orientação sexual.

Desse modo, as glamourosas fotos seriam representações do corpo e dos estereótipos construídos em torno da experiência da maternidade. Algo do tipo “só se é uma mulher, verdadeiramente, se você já passou pela experiência da gravidez, e da maternidade”. Liberdade de escolha e autorrealização através da reprodução também são discursos veiculados nas imagens da revista, apontando uma natureza feminina com forte tendência para tal.

Seriam esses os valores que predominam em nossa sociedade, quando se trata da questão de identidades de gênero e reprodução. Valores que são construídos e não naturalmente dados, como poderia sugerir o senso comum. Para Vargas, trata-se, antes de tudo, de aspectos históricos e culturais do que é considerado como ideal do que seja feminino e família.

Outros lados da questão da reprodução

Segundo Vargas, a valorização da reprodução, da família, do nome, do grupo e da pessoa é uma característica presente em todas as culturas. Na sociedade moderna, não reproduzir aciona uma peculiar combinação de valores que chegam a invadir a liberdade de escolha do indivíduo ou do casal.

Além disso, existiria um raciocínio reducionista na percepção de eventos reprodutivos divulgados na mídia que não se observa quando se trata de outros fenômenos sociais, sobretudo àqueles considerados problemas sociais. No caso da gravidez na adolescência, por exemplo, é comumente questionada a autonomia dos jovens quanto ao desejo de reproduzir. A infertilidade entre mulheres pobres, por sua vez, não é problematizada em debates públicos uma vez que não é considerado tema de relevância para essa camada da população. Soma-se a esses aspectos o impedimento de acesso às técnicas de reprodução assistida a homossexuais.

Desde que realizada de uma maneira “adequada”, ou seja, socialmente aceita (entre mulheres em idade e classe social considerada ideal, fruto do relacionamento de um casal heterossexual), a gravidez aparece como um “símbolo de uma maternidade sacralizada”.

Em circulação na mídia, haveria também uma representação negativa da mulher sem filhos. Este seria o contraponto da valorização da ideia de reprodução ligada à identidade feminina, um dos ingredientes fundamentais, inclusive, para o desenvolvimento e a popularização das tecnologias de reprodução assistida.

Essas são as principais conclusões do artigo publicado na edição mais recente da revista da Fundação Oswaldo Cruz *História, Ciências e Saúde: Manguinhos*, sob o título de “**Barrigão à mostra: vicissitudes e valorização do corpo reprodutivo na construção das imagens da gravidez**”. Tal artigo é um dos resultados do doutorado de Eliane Portes Vargas em Saúde Coletiva com concentração em Ciências Humanas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.